

OS MESMOS ARQUÉTIPOS, DIFERENTES ALTARES: DEUSES ANTIGOS, SANTOS E ORIXÁS

THE SAME ARCHETYPES, DIFFERENT ALTARS: ANCIENT GODS, SAINTS, AND ORISHAS

LOS MISMOS ARQUETIPOS, DIFERENTES ALTARES: DIOSES ANTIGUOS, SANTOS Y ORIXÁS

Thiago Lopes¹

Resumo

O presente estudo analisa correspondências entre divindades das tradições egípcia e grega, santos do catolicismo e orixás das religiões de matriz africana, a partir da perspectiva dos arquétipos religiosos e do sincretismo. Fundamentado nos aportes teóricos de Mircea Eliade e Joseph Campbell, bem como em estudos contemporâneos sobre sincretismo e mediação religiosa, o trabalho parte da hipótese de que diferentes sistemas religiosos reelaboram estruturas simbólicas universais para responder a demandas humanas recorrentes, como morte, cura, proteção, maternidade, amor e guerra. Metodologicamente, este estudo é uma revisão bibliográfica, qualitativa de caráter comparativo, articulando contribuições da mitologia, da antropologia da religião e da história religiosa. A comparação foi realizada a partir da identificação dos campos funcionais atribuídos às figuras sagradas em cada tradição, tais como morte, mediação, maternidade, amor e guerra, conforme descrito nas fontes analisadas. Os resultados indicam que figuras sagradas pertencentes a tradições distintas compartilham campos funcionais semelhantes quando não idênticos, podendo ser compreendidas como manifestações históricas diversas de uma mesma matriz arquetípica. Conclui-se que o sincretismo não constitui mera justaposição de crenças, mas processo ativo de tradução simbólica, por meio do qual arquétipos universais são continuamente ressignificados em contextos culturais específicos.

Palavras-chave: sincretismo religioso; arquétipos; mitologia comparada; ciência da religião.

Abstract

This study analyzes correspondences between deities from Egyptian and Greek traditions, Catholic saints, and orishas from African-based religions, from the perspective of religious archetypes and syncretism. Grounded in the theoretical contributions of Mircea Eliade and Joseph Campbell, as well as in contemporary studies on syncretism and religious mediation, the work is based on the hypothesis that different religious systems rework universal symbolic structures in order to respond to recurring human demands, such as death, healing, protection, motherhood, love, and war. Methodologically, this study is a qualitative bibliographic review of a comparative nature, articulating contributions from mythology, anthropology of religion, and religious history. The comparison was carried out through the identification of functional fields attributed to sacred figures in each tradition, such as death, mediation, motherhood, love, and war, as described in the analyzed sources. The results indicate that sacred figures belonging to distinct traditions share similar, if not identical, functional fields, and may be understood as diverse historical manifestations of a common archetypal matrix. It is concluded that syncretism does not constitute a mere juxtaposition of beliefs, but rather an active process of symbolic translation, through which universal archetypes are continuously re-signified within specific cultural contexts.

Keywords: religious syncretism; archetypes; comparative mythology; study of religion.

¹ Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), bolsista CAPES/PROSUP. Licenciado em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário Internacional (Uninter). Atua como Técnico em Anatomia Humana na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).

Resumen

El presente estudio analiza correspondencias entre divinidades de las tradiciones egipcia y griega, santos del catolicismo y orixás de las religiones de matriz africana, desde la perspectiva de los arquetipos religiosos y del sincretismo. Fundamentado en los aportes teóricos de Mircea Eliade y Joseph Campbell, así como en estudios contemporáneos sobre sincretismo y mediación religiosa, el trabajo parte de la hipótesis de que diferentes sistemas religiosos reelaboran estructuras simbólicas universales para responder a demandas humanas recurrentes, como la muerte, la curación, la protección, la maternidad, el amor y la guerra. Metodológicamente, este estudio es una revisión bibliográfica cualitativa de carácter comparativo, articulando aportes de la mitología, la antropología de la religión y la historia religiosa. La comparación se realizó a partir de la identificación de los campos funcionales atribuidos a las figuras sagradas en cada tradición, como la muerte, la mediación, la maternidad, el amor y la guerra, según lo descrito en las fuentes analizadas. Los resultados indican que figuras sagradas pertenecientes a tradiciones distintas comparten campos funcionales similares, cuando no idénticos, pudiendo ser comprendidas como manifestaciones históricas diversas de una misma matriz arquetípica. Se concluye que el sincretismo no constituye una mera yuxtaposición de creencias, sino un proceso activo de traducción simbólica, mediante el cual los arquetipos universales son continuamente resignificados en contextos culturales específicos.

Palabras clave: sincretismo religioso; arquetipos; mitología comparada; ciencia de la religión.

1 Introdução

As religiões, ao longo da história, constituíram sistemas simbólicos destinados a organizar experiências fundamentais da existência humana, tais como nascimento, morte, sofrimento, proteção e esperança. Embora apresentem narrativas, rituais e denominações distintas, diferentes tradições religiosas atribuem funções semelhantes a suas figuras “sagradas”, sugerindo a permanência de estruturas simbólicas recorrentes.

No contexto brasileiro, marcado por intensos processos de encontro cultural, o sincretismo religioso evidencia de modo particularmente expressivo essa dinâmica, sobretudo na articulação entre o catolicismo e as religiões de matriz africana. Conforme Romão (2018) e Delgado (2022), esse processo não se restringe à sobreposição de símbolos, mas envolve estratégias históricas de tradução e recriação religiosa, possibilitando a preservação de domínios espirituais sob novas formas (Romão, 2018; Delgado, 2022).

Paralelamente, contribuições da mitologia comparada e dos Estudos da Religião apontam para a existência de arquétipos universais que atravessam culturas e épocas. Para Eliade, o sagrado manifesta-se por meio de mitos e ritos que atualizam experiências originárias, enquanto Campbell identifica padrões narrativos recorrentes que funcionam como mapas simbólicos da experiência humana (Mendonça, 2017; Rodrigues, 2015).

Diante desse panorama, este artigo tem como objetivo analisar correspondências funcionais entre divindades egípcias e gregas, santos cristãos e orixás afro-brasileiros, considerando seus campos de atuação, tipos de oferendas e demandas atribuídas pelos fiéis. Busca-se, assim, compreender em que medida tais figuras podem ser interpretadas como

expressões históricas diversas de uma mesma matriz arquetípica, continuamente reorganizada conforme os contextos socioculturais.

Do ponto de vista metodológico, o estudo insere-se no campo da pesquisa bibliográfica qualitativa de caráter comparativo. A análise concentrou-se na identificação dos campos simbólicos atribuídos às figuras sagradas em diferentes tradições religiosas, considerando seus domínios narrativos, rituais e devocionais conforme descritos nas fontes analisadas. Esse procedimento permitiu observar não apenas as semelhanças funcionais entre as entidades, mas também as formas pelas quais tais correspondências são historicamente reorganizadas em contextos socioculturais distintos. A opção pela abordagem comparativa justifica-se pelo fato de que a recorrência de padrões simbólicos entre tradições religiosas distintas constitui elemento central para a compreensão das permanências arquetípicas que atravessam culturas e épocas.

No plano epistemológico, este estudo insere-se no campo da Ciência da Religião de orientação comparativa, tomando o arquétipo como categoria analítica e não como entidade metafísica. Nesse âmbito, a comparação não implica identidade ontológica entre as tradições analisadas, mas evidencia convergências estruturais que se manifestam no plano simbólico e ritual. Assim, a abordagem adotada não pretende reduzir as especificidades históricas das tradições, mas identificar padrões estruturais recorrentes que emergem sob diferentes configurações culturais.

Foram priorizadas fontes acadêmicas que abordassem explicitamente as funções simbólicas, narrativas ou rituais das figuras sagradas analisadas, privilegiando estudos de caráter historiográfico, antropológico ou religioso. Foram excluídas obras de natureza exclusivamente devocional, apologética ou sem fundamentação acadêmica, buscando assegurar coerência analítica e comparativa entre as tradições estudadas. A opção por uma revisão bibliográfica comparativa fundamenta-se na compreensão de que o estudo das permanências simbólicas exige o exame transversal de tradições distintas, permitindo identificar padrões recorrentes que não se tornam evidentes quando analisados isoladamente. Dessa forma, a abordagem comparativa possibilita observar tanto as continuidades quanto as reconfigurações históricas dos símbolos religiosos, contribuindo para uma leitura mais ampla das dinâmicas de tradução cultural do sagrado.

2 Fundamentação teórica sobre arquétipos e sincretismo religioso

O presente estudo parte da compreensão de que diferentes tradições religiosas organizam experiências humanas semelhantes por meio de sistemas simbólicos distintos. Ao longo da história, divindades, santos e entidades espirituais foram atribuídos a funções recorrentes, como proteção, cura, justiça, maternidade e mediação entre o humano e o sagrado. Ainda que os nomes, narrativas e práticas rituais se modifiquem conforme o contexto cultural, observa-se a permanência dessas funções, o que sugere a existência de estruturas arquetípicas compartilhadas. Nesse sentido, propõe-se analisar o sincretismo religioso como processo de releitura simbólica, no qual figuras sagradas são ressignificadas ao longo do tempo, mantendo seus domínios de atuação. A partir dessa perspectiva, este trabalho realiza uma análise comparativa entre divindades das tradições grega e egípcia, santos do catolicismo e orixás das religiões de matriz africana, considerando seus campos de atuação, tipos de oferendas e demandas atribuídas pelos fiéis.

O sincretismo religioso pode ser compreendido como um processo histórico de transferência, adaptação e recriação simbólica entre diferentes sistemas de crença. No contexto afro-brasileiro, Romão (2018) define o sincretismo como uma estratégia de sobrevivência cultural, desenvolvida por africanos escravizados que, diante da imposição do catolicismo, passaram a traduzir suas divindades ancestrais por meio do sistema hagiológico cristão, preservando suas práticas religiosas ainda que sob novas denominações. Segundo o autor, esse movimento envolveu “transferências, adaptações e recriações culturais e religiosas”, possibilitando a manutenção das tradições africanas mesmo quando mescladas ao catolicismo, caracterizando o sincretismo como um mecanismo de tradução entre dois mundos religiosos distintos (Romão, 2018).

Nesse sentido, o sincretismo não se limita à simples justaposição de símbolos, mas configura um processo ativo de reorganização do “sagrado”, no qual atributos, funções e domínios das divindades africanas foram progressivamente associados aos santos católicos. Tal dinâmica permitiu aos grupos subalternizados manterem vivos seus referenciais espirituais, ao mesmo tempo em que se adaptavam às exigências do contexto colonial, evidenciando o caráter estratégico, translacional e transnacional do sincretismo religioso afro-brasileiro (Romão, 2018).

No interior do cristianismo, o surgimento do culto aos santos está diretamente relacionado à necessidade de mediação entre o humano e o divino. Conforme Reginaldo *et al.* (2018), no cristianismo tardo-antigo intensificou-se o distanciamento entre os fiéis e o sagrado,

restabelecendo a demanda por novos intermediários espirituais. Nesse contexto, o culto aos santos emerge como alternativa “cristã” para superar tal separação, por meio da intercessão de cristãos no pós-morte, configurando-se como resposta às necessidades da religiosidade cotidiana e popular.

Assim, os santos passam a ocupar um papel funcional semelhante ao de mediadores presentes em tradições religiosas anteriores, sendo compreendidos como figuras capazes de levar os pedidos humanos até o plano divino (Reginaldo *et al.*, 2018).

Assim como os santos cristãos assumem funções de mediação e proteção, divindades do Egito e da Grécia Antiga já desempenhavam papéis equivalentes, revelando a permanência de estruturas simbólicas que atravessam culturas e épocas. No contexto egípcio, os mitos constituíam formas simbólicas de explicação da existência humana, organizando práticas sociais, religiosas e cotidianas a partir da atuação das divindades. Fontana (2020) afirma que o mito corresponde a uma manifestação dos arquétipos que compõem o inconsciente coletivo, sendo transmitido ao longo de extensos períodos históricos, o que evidencia seu caráter universal e recorrente.

Tais arquétipos expressam imagens primordiais relacionadas à criação, à vida, à morte e à proteção, as quais se reorganizam simbolicamente conforme cada cultura. Dessa forma, as divindades egípcias não apenas estruturavam a cosmovisão daquela civilização, mas também orientavam rituais, oferendas e práticas sociais, incorporando-se à vida cotidiana e atuando como mediadoras entre o mundo humano e o sagrado. Essa dinâmica reforça a compreensão de que figuras sagradas, embora apresentem denominações distintas, preservam funções semelhantes, sustentando a hipótese de permanências arquetípicas que se manifestam sob diferentes formas históricas (Fontana, 2020).

No caso da Grécia Antiga, Ruzene (2013) observa uma dinâmica semelhante, na qual os deuses assumiam campos específicos de atuação e estabeleciam com os humanos uma relação baseada na reciprocidade ritual. A religiosidade helênica não se organizava em torno de uma divindade única, mas de um panteão no qual cada deus exercia funções particulares, relacionadas à natureza, à vida social e às experiências humanas fundamentais. Essas divindades não eram concebidas como realidades distantes, mas como potências ativas, capazes de influenciar diretamente o mundo humano, exigindo, em contrapartida, práticas rituais, sacrifícios e oferendas (Ruzene, 2013).

O autor destaca que os rituais sacrificiais constituíam elemento central dessa relação, envolvendo a separação das partes destinadas aos deuses e aquelas consumidas pela comunidade, configurando uma lógica de troca simbólica entre homens e divindades. Assim,

os deuses gregos atuavam como mediadores das forças da natureza, da justiça, da fertilidade e do destino, exercendo papel funcional comparável ao atribuído posteriormente aos santos cristãos e às divindades de outras tradições religiosas, o que reforça a hipótese de permanências arquetípicas reorganizadas sob diferentes sistemas simbólicos.

Assim, tanto no Egito quanto na Grécia, observa-se que as divindades organizavam funções arquetípicas que, em contextos posteriores, seriam reinterpretadas nos santos cristãos e nos orixás afro-brasileiros, reforçando a permanência simbólica entre diferentes sistemas religiosos.

A partir dessas contribuições teóricas, torna-se possível identificar correspondências funcionais entre figuras sagradas de diferentes tradições religiosas. Ainda que inseridas em contextos históricos distintos, tais entidades compartilham domínios semelhantes, relacionados à proteção, cura, justiça, maternidade, guerra e mediação espiritual. Com o intuito de evidenciar essas permanências simbólicas, elaborou-se um quadro comparativo contemplando divindades gregas e egípcias, santos católicos e orixás das religiões de matriz africana, considerando seus campos de atuação, tipos de oferendas e demandas atribuídas pelos fiéis.

Quadro 1: Correspondências funcionais entre figuras sagradas

Campo simbólico	Tradição egípcia	Tradição grega	Cristianismo popular	Religiões de matriz africana
Morte, renascimento e passagem espiritual	Osíris	Hades	São Lázaro	Omulu / Obaluaiê
Mediação espiritual e condução das almas	Anúbis	Hermes	São Miguel Arcanjo	Exu
Maternidade, proteção e cuidado	Ísis / Hathor	Hera	Nossa Senhora	Oxum
Amor, fertilidade e abundância	Hathor	Afrodite	—	Oxum
Guerra, força e proteção espiritual	—	Ares	São Jorge	Ogum

Fonte: Elaboração própria a partir de Romão (2018), Reginaldo *et al.* (2018), Fontana (2020) e Ruzene (2013).

Para além das correspondências narrativas entre figuras sagradas, observa-se que diferentes tradições religiosas também compartilham estruturas rituais semelhantes. Em distintos contextos históricos, a relação entre fiéis e entidades espirituais é mediada por práticas de troca simbólica que envolvem oferendas, promessas, sacrifícios ou objetos votivos. No Egito Antigo, alimentos e artefatos funerários eram destinados às divindades associadas à morte e ao renascimento; na Grécia, libações e sacrifícios estruturavam a reciprocidade entre humanos e deuses; no cristianismo popular, velas, promessas e ex-votos mantêm essa lógica de mediação; e, nas religiões de matriz africana, oferendas alimentares e rituais específicos preservam campos espirituais equivalentes.

Essa recorrência indica que a permanência arquetípica não se limita ao conteúdo narrativo das figuras sagradas, mas se estende às formas de relação estabelecidas com o sagrado. Ainda que não se trate de rituais idênticos em termos culturais ou teológicos, evidencia-se notável analogia estrutural nas práticas de reciprocidade simbólica, nas quais a dádiva ritual atua como meio de reconhecimento, pedido ou agradecimento. Tal convergência reforça a hipótese de que diferentes sistemas religiosos reelaboram não apenas imagens arquetípicas universais, mas também padrões recorrentes de interação com o sagrado.

O quadro evidencia que, apesar das diferenças culturais e históricas, as figuras sagradas de tradições distintas compartilham funções recorrentes. Observa-se que campos como morte, mediação espiritual, maternidade, amor e guerra reaparecem em diferentes sistemas religiosos, ainda que sob nomes e narrativas diversas. Essa correspondência funcional reforça a hipótese de permanências arquetípicas universais, continuamente reorganizadas em novos contextos culturais.

Assim, a tabela não apenas sintetiza os paralelos identificados, mas também confirma que o sincretismo religioso atua como processo de tradução simbólica, preservando domínios espirituais fundamentais sob diferentes formas históricas. Além de sintetizar correspondências funcionais, o quadro também evidencia que as relações entre as figuras sagradas não se limitam a analogias superficiais, mas revelam estruturas simbólicas recorrentes que organizam a experiência religiosa em diferentes contextos históricos. Tal constatação reforça a importância das análises comparativas no campo da Ciência da Religião, uma vez que permite compreender como diferentes tradições mobilizam repertórios simbólicos semelhantes para responder a demandas humanas fundamentais.

2.1 Análise comparativa dos arquétipos religiosos

A análise proposta parte do entendimento de que diferentes tradições religiosas não criam entidades espirituais inteiramente novas, mas reelaboram estruturas simbólicas já existentes, reorganizando-as conforme seus contextos históricos e culturais. Nessa perspectiva, sustenta-se que as figuras sagradas aqui comparadas constituem manifestações distintas de uma mesma matriz arquetípica, que atravessa civilizações e reaparece sob novas denominações. Fundamentada na noção de sincretismo como tradução simbólica (Romão, 2018), na função mediadora dos santos (Reginaldo *et al.*, 2018) e na permanência dos arquétipos no imaginário religioso (Fontana, 2020), esta análise compreende deuses antigos, santos cristãos e orixás afro-brasileiros como expressões históricas de estruturas espirituais recorrentes, reconfiguradas ao

longo do tempo para responder às mesmas demandas humanas fundamentais, tais como morte, cura, proteção, justiça e fertilidade (Fontana, 2020).

A perspectiva de Mircea Eliade contribui para compreender a permanência desses arquétipos como estruturas simbólicas universais. Mendonça (2017) destaca que, para Eliade, o sagrado constitui uma categoria autônoma cuja manifestação ocorre por meio de mitos e símbolos que atualizam experiências originárias. Nesse sentido, arquétipos como morte, mediação e maternidade reaparecem em diferentes culturas porque expressam dimensões fundamentais da existência humana, não restritas a um tempo ou lugar específico (Mendonça, 2017). Silva (2019) ressalta que mito e rito funcionam como formas privilegiadas de acesso ao sagrado, permitindo que sociedades distintas reorganizem símbolos semelhantes em novos contextos históricos (Silva, 2019).

Joseph Campbell amplia essa perspectiva ao propor uma mitologia comparada baseada na identificação de padrões recorrentes entre diferentes civilizações. Rodrigues (2015) demonstra que Campbell compreende os arquétipos como narrativas universais que respondem às mesmas demandas humanas — vida, morte, amor, guerra e proteção. Silva (2018) acrescenta que tais mitos operam como “máquinas de supressão do tempo”, revelando trajetórias simbólicas que se repetem sob diferentes formas culturais (Silva, 2018).

No campo simbólico da morte e da passagem espiritual, Fontana (2020) afirma que Osíris ocupa posição central na mitologia egípcia como divindade associada aos processos de morte e renascimento. No contexto cristão, Reginaldo *et al.* (2018) demonstram que o culto aos santos emerge como resposta à necessidade de mediação entre o humano e o divino, sendo São Lázaro frequentemente associado às experiências de sofrimento e morte. Na Grécia Antiga, Hades era concebido como soberano do mundo dos mortos (Ruzene, 2013). Já nas religiões de matriz africana, Omulu/Obaluaiê ocupa papel central nos processos relacionados à doença e à morte, atuando também como agente de cura; conforme Romão (2018), a tradução simbólica dos orixás preservou tais campos de atuação. Observa-se, portanto, que Osíris, Hades, Omulu/Obaluaiê e São Lázaro convergem em funções simbólicas semelhantes, configurando manifestações históricas diversas de um mesmo arquétipo religioso (Fontana, 2020).

Essas figuras atuam em contextos liminares, isto é, em situações de transição entre estados distintos da existência, como vida e morte, mundo terreno e mundo espiritual. Conforme Cavalcanti (2012), ao interpretar a antropologia do ritual de Victor Turner, os momentos liminares caracterizam-se por ambiguidade, transformação e necessidade de mediações simbólicas específicas. Assim, divindades associadas à morte e à condução das almas ocupam

posição estruturalmente semelhante nas diferentes tradições, por operarem em zonas simbólicas de fronteira.

No domínio da mediação e da condução das almas, Anúbis desempenhava papel fundamental nos ritos funerários egípcios (Fontana, 2020). Na Grécia Antiga, Hermes era concebido como psicopompo (Ruzene, 2013). No cristianismo, São Miguel Arcanjo ocupa função semelhante como guardião espiritual das almas (Reginaldo *et al.*, 2018). Já nas religiões de matriz africana, Exu é reconhecido como mensageiro entre os mundos; conforme Romão (2018), sua atuação foi ressignificada no processo sincrético. Essas entidades convergem no mesmo campo simbólico relacionado à comunicação entre mundos, evidenciando a permanência de um arquétipo ligado à passagem pós-morte (Ruzene, 2013).

No campo da maternidade, proteção e cuidado, Fontana (2020) destaca que os mitos egípcios expressam arquétipos ligados à criação e à proteção, permitindo compreender Ísis e Hathor como expressões do arquétipo da grande mãe. Na tradição grega, Hera pode ser situada como figura vinculada à maternidade (Ruzene, 2013). No cristianismo, Nossa Senhora é reconhecida como símbolo de acolhimento e intercessão (Reginaldo *et al.*, 2018). Já nas religiões de matriz africana, Oxum é compreendida neste estudo como expressão desse mesmo arquétipo materno; conforme Romão (2018), o processo sincrético preservou tais campos de atuação. Assim, essas figuras revelam a continuidade de um arquétipo religioso associado à proteção e à geração da vida (Fontana, 2020).

Associado ao amor, à fertilidade e à abundância, Fontana (2020) indica que os mitos egípcios articulam imagens primordiais ligadas à criação, permitindo compreender Hathor como expressão simbólica da fecundidade. Na Grécia Antiga, Afrodite ocupa o campo do amor e do desejo (Ruzene, 2013). No contexto afro-brasileiro, Oxum é interpretada como representante desse mesmo domínio simbólico; conforme Romão (2018), tais funções foram preservadas na tradução simbólica entre orixás e santos. Dessa forma, Afrodite, Hathor e Oxum expressam um mesmo arquétipo relacionado ao amor e à abundância (Fontana, 2020).

Por fim, o arquétipo da guerra e da proteção manifesta-se de modo recorrente em diferentes panteões. Ruzene (2013) situa Ares como divindade associada ao conflito e à força. Nas religiões de matriz africana, Ogum é compreendido neste estudo como expressão equivalente desse arquétipo; conforme Romão (2018), o sincretismo preservou seus domínios espirituais. No cristianismo, São Jorge é reconhecido como santo guerreiro e protetor (Reginaldo *et al.*, 2018). Observa-se, portanto, que Ares, Ogum e São Jorge configuram expressões históricas diversas de um mesmo arquétipo ligado à guerra e à proteção espiritual (Ruzene, 2013).

A análise comparativa evidencia que, embora inseridos em tradições distintas, deuses antigos, santos cristãos e orixás afro-brasileiros compartilham funções simbólicas recorrentes que respondem às mesmas demandas humanas fundamentais. Conforme Eliade (Mendonça, 2017; Silva, 2019), tais arquétipos revelam a permanência do sagrado como estrutura universal, continuamente atualizada por meio de mitos e ritos. Campbell (Rodrigues, 2015; Silva, 2018) reforça essa perspectiva ao demonstrar que narrativas simbólicas se repetem em diferentes culturas como mapas existenciais. Assim, a recorrência dos arquétipos da morte, mediação, maternidade, amor e guerra confirma que as religiões não criam entidades inteiramente novas, mas reelaboram símbolos universais em novos contextos históricos e culturais.

3 Considerações finais

A análise realizada permite ainda destacar a relevância das abordagens comparativas no campo da Ciência da Religião. Ao evidenciar permanências simbólicas entre tradições religiosas distintas, o estudo reforça a importância de compreender o fenômeno religioso não apenas a partir de suas diferenças históricas e doutrinárias, mas também de suas continuidades estruturais. Tal perspectiva contribui para superar leituras fragmentadas do religioso, permitindo observar como diferentes sociedades elaboram respostas simbólicas para questões humanas fundamentais, como morte, sofrimento, proteção e pertencimento. Nesse sentido, a identificação de campos simbólicos recorrentes não implica a homogeneização das tradições religiosas, mas possibilita compreender os modos pelos quais símbolos universais são reinterpretados culturalmente, preservando funções semelhantes sob narrativas diversas.

Este estudo contribui para o campo acadêmico ao sistematizar correspondências simbólicas entre tradições religiosas distintas, oferecendo um quadro interpretativo que pode subsidiar investigações futuras na Ciência da Religião, nos estudos culturais e na análise comparativa do fenômeno religioso.

Nesse sentido, o trabalho amplia o debate sobre as permanências simbólicas no campo da Ciência da Religião. A análise comparativa realizada evidencia que, embora inseridos em tradições religiosas distintas, deuses antigos, santos do catolicismo popular e entidades das religiões de matriz africana compartilham campos de atuação recorrentes, relacionados à morte, mediação espiritual, maternidade, amor e guerra. Tais correspondências indicam a permanência de estruturas simbólicas que atravessam culturas e épocas, reorganizadas sob diferentes narrativas religiosas.

À luz dos Estudos da Religião, essas recorrências podem ser compreendidas como manifestações de arquétipos universais atualizados por meio de mitos e ritos (Mendonça, 2017; Silva, 2019), bem como como padrões simbólicos que se repetem em distintas civilizações, funcionando como mapas existenciais da experiência humana (Rodrigues, 2015; Silva, 2018). No contexto afro-brasileiro, o sincretismo revela-se como processo histórico de tradução simbólica, no qual os campos de atuação das divindades africanas foram preservados mesmo sob a imposição do sistema hagiológico cristão, configurando estratégia de reorganização do sagrado (Romão, 2018; Delgado, 2022). De modo semelhante, o culto aos santos no cristianismo popular pode ser compreendido como resposta à necessidade de mediação entre o humano e o divino, assumindo funções tradicionalmente atribuídas a divindades em sistemas religiosos anteriores (Reginaldo *et al.*, 2018).

Para além das correspondências funcionais identificadas entre divindades antigas, santos cristãos e orixás afro-brasileiros, observa-se também significativa convergência no plano ritual. Embora variem quanto à materialidade específica das práticas devocionais, diferentes tradições mobilizam categorias rituais estruturalmente semelhantes, como a oferta de alimentos, libações, objetos votivos e, em determinados contextos históricos, sacrifícios. No Egito Antigo, alimentos e objetos votivos eram destinados às divindades funerárias (Fontana, 2020); na Grécia, libações e sacrifícios estruturavam a reciprocidade entre humanos e deuses (Ruzene, 2013); no cristianismo popular, velas, promessas e ex-votos mantêm essa lógica de mediação simbólica (Reginaldo *et al.*, 2018); e, nas religiões de matriz africana, oferendas alimentares e rituais específicos preservam campos espirituais equivalentes (Romão, 2018).

A reflexão antropológica sobre o ritual contribui para aprofundar a compreensão dessa convergência simbólica. Nessa perspectiva, o símbolo ritual pode ser entendido como unidade condensadora de múltiplos significados, articulando dimensões cognitivas, emocionais e sociais da experiência religiosa. Nesse sentido, o ritual não apenas representa crenças, mas atua como espaço de dramatização e atualização simbólica, no qual valores coletivos são reorganizados e comunicados socialmente. Assim, os arquétipos identificados nas diferentes tradições não operam somente no plano narrativo, mas materializam-se em símbolos rituais que estruturam a relação entre os fiéis e o sagrado (Cavalcanti, 2012).

Essa recorrência indica que a permanência arquetípica não se limita ao conteúdo narrativo das figuras sagradas, mas se estende às formas de relação estabelecidas com o sagrado. Ainda que não se trate de oferendas idênticas em termos culturais ou teológicos, evidencia-se notável analogia estrutural nas práticas de troca simbólica, nas quais a dádiva ritual atua como meio de reconhecimento, pedido ou agradecimento. Tal convergência reforça a hipótese de que

diferentes sistemas religiosos reelaboram não apenas imagens arquetípicas universais, mas também padrões recorrentes de reciprocidade que sustentam a experiência religiosa ao longo do tempo.

Sob uma perspectiva cristã, contudo, tais permanências simbólicas também permitem uma leitura teológica segundo a qual essas figuras podem ser interpretadas como expressões históricas diversas de um mesmo conjunto de forças espirituais, reinterpretadas conforme cada tradição cultural. Nessa compreensão, o estudo comparativo não apenas evidencia continuidades arquetípicas, mas sugere que aquilo que recebe diferentes nomes e formas rituais ao longo do tempo pode ser compreendido, no âmbito desta leitura cristã, como referência às mesmas realidades espirituais, ressignificadas em contextos religiosos diversos.

Sob uma perspectiva teológica cristã neopentecostal, essas correspondências não são compreendidas apenas como permanências simbólicas, mas interpretadas como manifestações de uma mesma entidade espiritual que assume diferentes nomes conforme o contexto religioso. Macedo (2006) afirma que os orixás, os guias espirituais e os santos seriam formas distintas de atuação de um mesmo princípio espiritual, reinterpretado ao longo da história religiosa.

Embora essa leitura pertença ao campo confessional, ela dialoga, em nível estrutural, com as abordagens da mitologia comparada e dos Estudos da Religião, que identificam a recorrência de padrões simbólicos e funcionais entre tradições distintas (Mendonça, 2017; Rodrigues, 2015). Assim, enquanto a teologia neopentecostal atribui essa continuidade à ação de uma única entidade espiritual, a Ciência da Religião compreende o fenômeno como reorganização histórica de arquétipos universais, preservando campos de atuação semelhantes sob diferentes sistemas simbólicos.

Conclui-se, portanto, que as religiões não criam entidades espirituais inteiramente novas, mas reelaboram símbolos universais em novos contextos culturais. As figuras sagradas analisadas configuram manifestações históricas diversas de uma mesma matriz arquetípica, continuamente ressignificada para responder às experiências fundamentais da condição humana.

A análise das convergências simbólicas entre tradições religiosas também dialoga com debates contemporâneos sobre diversidade cultural e religiosa, podendo contribuir para leituras menos reducionistas do fenômeno religioso e para a ampliação do diálogo intercultural em contextos formativos e sociais. Ao mesmo tempo, o estudo evidencia que a análise comparativa das religiões não implica a redução das tradições a uma mesma origem ou essência, mas permite compreender como diferentes sistemas simbólicos reelaboram experiências humanas fundamentais em linguagens culturais específicas. Assim, mais do que identificar equivalências

diretas entre divindades, a investigação busca evidenciar processos históricos de tradução do sagrado, nos quais símbolos universais são continuamente reinterpretados para responder a contextos sociais, políticos e culturais diversos.

Ao reconhecer essas permanências simbólicas, o estudo também sugere que o diálogo entre diferentes tradições religiosas pode ser favorecido quando se considera a existência de estruturas arquetípicas compartilhadas. A compreensão de tais convergências não elimina as especificidades teológicas e culturais de cada tradição, mas amplia a possibilidade de interpretações que valorizem tanto as diferenças quanto as continuidades. Desse modo, a análise comparativa das religiões revela-se não apenas como instrumento acadêmico, mas também como recurso interpretativo capaz de contribuir para a reflexão crítica sobre cultura, identidade e diversidade religiosa no mundo contemporâneo.

Referências

CAVALCANTI, M. L. V. de C. Luzes e sombras no dia social: o símbolo ritual em Victor Turner. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 103-131, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/HNV3BdWt9WRDRVMkJyJbxH/>. Acesso em: 01 jul. 2026.

DELGADO, D. D. **Cruzes e encruzilhadas**: sincretismo e identidade nos terreiros de Umbanda no eixo Rio-São Paulo. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/bitstream/handle/26521/1/David%20Dias%20Delgado.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2026.

FONTANA, A. D. M. M. Rá: os arquétipos na mitologia egípcia. **Revista Mosaico**, v. 13, p. 81–87, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18224/mos.v13i0.7534>. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/7534>. Acesso em: 10 jan. 2026.

LAMAS, R. S. A formação das religiões afro-brasileiras: a interferência do sincretismo religioso. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 222-232, jan./jun. 2019. DOI: 10.34019/2237-6151.2019.v16.28835. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2237-6151.2019.v16.28835>. Acesso em: 01 jul. 2026.

MACEDO, E. **Orixás, caboclos e guias**: deuses ou demônios? Rio de Janeiro: Unipro, 2006.

MENDONÇA, M. L. V. P. de. **A concepção eliadiana da Fenomenologia da Religião sob a perspectiva do método**. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/06/A-concepcao-eliadiana-da-Fenomenologia-da-Religiao-sob-a-perspectiva-do-metodo.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2026.

REGINALDO, F. C.; TREVISAN, M. B.; AMARAL, M. C. A origem do culto aos santos: um olhar historiográfico. **Caderno Intersaberes**, v. 7, n. 12, 2018. Disponível em: <https://revistas.uninter.com/cadernointersaberes>. Acesso em: 14 jan. 2026.

RODRIGUES, T. L. O herói de mil faces no cinema contemporâneo: uma análise da jornada mítica em Joseph Campbell. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 37, n. 70, p. 85-94, 2015. Disponível em: <http://periodicos.chsh.pucminas.br/index.php/reverso>. Acesso em: 01 jul. 2026.

ROMÃO, T. L. C. Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: divindades africanas e santos católicos em tradução. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 57, n. 1, p. 353–381, jan./abr. 2018. DOI: 10.1590/010318138651758358681. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/BYNWpsPRxzMYh4gGGCwH5Vk/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 18 jan. 2026.

RUZENE, F. D. **Deuses da Antiguidade**: ensaio sobre a primeira geração de olímpianos na mitologia e religião da Antiga Grécia. São Paulo: Dialética, 2013.

SILVA, A. F. Mircea Eliade e a questão da autonomia dos Estudos da Religião. **Revista Inter-Legere**, n. 24, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4843>. Acesso em: 25 jan. 2026.

SILVA, C. A. F. **Joseph Campbell**: trajetórias, mitologias, ressonâncias. 2018. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/3459/1/Carlos%20Aldemir%20Farias%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2026.

Data de submissão: 20/02/2026

Data de aceite: 18/03/2026